

Foi o velho Omar Kháyyâm quem me ensinou a ser irreverente. Que faço eu neste mundo? Para que nasci? Que representa o tempo que vai do dia do meu nascimento ao dia da minha morte? Nada, absolutamente nada. Que falta farei? Nenhuma, absolutamente nenhuma. Quem saberá, daqui a cem annos, que eu existi, que amei, que odiei, que soffri, que gozei, que esperei? Ninguém, e não ser algum tataraneto dado a pesquisas genealogicas. Se isso é verdade, e se todos terão o mesmo fim no esquecimento e na morte, porque devo eu admirar, reverenciar, respeitar? Por saber disso, é que Kháyyâm resolveu beber vinho e amar as mulheres, sem se incomodar com o mundo e com os outros homens. Mas é justamente por saber disso também, que eu me senti cheio de coragem e de consolo para fazer uma revisão de todos os valores humanos, por minha conta, por mim mesmo. Desde que cheguei a esta conclusão, comecei a não ter medo de mais ninguém. Cheguei também a outra conclusão, não menos importante para mim: a de que eu nunca seria rico, de que nunca passaria na vida, de um manuaense bêlmiro, tipo desageitado, desconfiado, que não sabe fazer gentilezas. Cada vez que eu procure ser gentil, ser cortez, não sei porque tomam por deboche ou por ironia o que eu digo com a melhor boa fé e respondem-me com quatorze pedras na mão. Ainda ha pouco, ao dizer a uma intellectual que ella tinha talento, a mulherzinha ficou toda vermelha, quasi me agrediu e respondeu que não se tem como buria e que não gosta de lisonja. E eu a tinha chamado de talentosa... Acho que o mal está na minha cara, ou eu não sei mentir bem. E se viver em sociedade é mentir, é fingir, é representar, eu não dou para isso, porque eu sou um máo actor, que não sabe dar beijos sem ser de verdade, nem dar murros que não sejam também verdadeiros. Mas eu tenho mais com que me preoccupar, para pensar em poetisas malcreadas. Para mim, ella póde ter talento ou não, porque nunca li, nem lerei os seus versos. O mal ou o bem que me poderão fazer é muito pouco, nada representa, em face da eternidade do mundo e da minha pobreza. Nada me poderão tirar, porque tudo que é meu, eu levo commigo. Por isso, resolvi negar tudo e todos. Não acreditar em nada, ser niilista absoluto. Eu, pelo menos, nada tenho de agradecer a ninguém sobre coisa alguma. Porque na-

IRREVERENCIA

*Evaristo de Moraes
Filho*

(Especial para o
DIARIO DE NOTICIAS)

de frio ao relento, a vêr as injustiças, as maldades, as crueldades que vão por este mundo — que nunca foi de Deus — que eu me revoltei. Isso basta para provar que andam muito errados os que dizem ser a irreverencia propria da pouca idade, da inexperiencia. Como elles estão errados! No tempo que eu era inexperiente, no tempo que eu não conhecia a vida, eu ainda admirava, ainda acreditava em bondadê, em boas intenções dos outros. Hoje, depois que li muitos livros, depois que vivi um pedaço da vida, é que sinto surgir dentro de mim um odio até então desconhecido. Agora, depois de muita experiencia, é que eu começo a ser irreverente. Confesso que sempre me senti estranho neste mundo, sempre o olhei com cara de poucos amigos, mas só agora é que a minha irreverencia se crystalizou e que eu resolvi não respeitar, nem admirar a mais ninguém. Eu era como o crente que, á força de tanto acreditar, tornou-se atheu. Vi muita dôr, vi muito desespero, muito soffrimento, e chamei por Deus, mas Deus não veio. Onde estava elle que ficou indifferente á tragedia dos pobres innocentes, dos pobres coitados, que são tão bons, tão humildes, e que soffrem tanto? E nesta vida todos os que mandam, todos os que têm o poder, são como Deus; estão muito longe, muito alto, e as nuvens lhes impedem de ver o que vai pela terra. Jurei nunca mais olhar para o alto, não dar nada mais ao de cima, ao superior, ao manda-chuva. Tudo que me resta ficou para o inferior, para o que se perde na lama das sarge-tas, para o que morre em baixo dos tanques de guerra, dos tacões dos poderosos, das casas assobradadas. E tudo o que me restou foi a piedade. E por isso só a piedade me prende a este mundo.

Mas ha as boas donas de casas que, ao ouvir falar em irreverencia, representam logo mentalmente o typo do irreveren-

cia não é coqueluche, não é diarrhéa infantil, não é menopausa, não é impotencia, que têm idades certas, limites pre-determinados. O maior irreverente deste seculo chama-se George Bernard Shaw e tem 82 annos de idade. E já houve quem dissesse que quanto mais velho fica, Shaw torna-se também ainda mais irreverente. E Henry Menckau, o maior criticco americano dos nossos dias, autor da celebre série dos Prejudices que fundou o American Mercury como quem abasteceria uma bateria, não tem actualmente 58 annos de idade e não é o mesmo iconoclasta de sempre? E Giovanni Papini, o homem mais desageitado, mais irrequieto, mais destruidor da Italia de hoje, o primeiro que fez um balanço desapiedado de todos os valores literarios italianos, desde Mazzoni a D'Annunzio, desde Sem Benelli e Zúccoli, não escreveu o seu *L'uomo finito* com 31 annos de idade? E Léon Bloy, o maior revoltado christão de que se tem noticia, que foi irreverente durante toda a sua vida? E Domenico Giuliotti, autor de *L'ora de Barabba* e cognominado de "joalheiro da injuria"? E Voltaire? E Nietzsche? E Erasmo? Ha irreverentes de todas as idades. A irreverencia tem a vêr é com o temperamento de cada um, com o temperamento e com a sua situação social. Por isso é mais difficil encontrar-se gente madura e ainda irreverente. Em geral, os velhos não são irreverentes. Não o são, por razões de commodismo, de respeito humano, com receio de perder a sua boa situação social. E' medo, e ás vezes, em certos casos excepcionaes, resignação também. Lembram-se daquelle conto *A luz da casa defronte*, de Pirandello? Pois bem, ha muito Tullio Butti perdido pela vida, muita gente que parece soffrer, que parece pensar, mas que na verdade tem o coração de pedra e o espirito suspenso em uma especie de melancolia estúpida. Esses foram irreverentes uma só vez na vida, como o naufrago que desanima ao primeiro grito de soccorro e se deixa levar inerte pela vaga absorvente. Mas ao lado do que renunciou, do que se accovardou, do que preferiu se enganar, ha o que já des-acreditou do valor humano, do homem, de tudo que elle possa fazer, e que por isso passa por este mundo protestando sempre. E é este o segundo caracteristico da irreverencia: a perda da fé no aperfeiçoamento da creatura humana em todos os tempos, passados

porque tudo que é meu, eu levo comigo. Por isso resolvi negar tudo e todos. Não acreditar em nada, ser nihilista absoluto. Eu, pelo menos, nada tenho de agradecer a ninguém sobre coisa alguma. Porque nada me deram, nada me emprestaram. Não me sinto preso a esta vida por laço nenhum, não acredito em Deus, não amo ninguém nem ninguém me ama, não tenho namorada, não sonho em amigos, não admito ninguém. Vivo por inércia, esperando o fim desta triste existência e os seus dias por chegar a regressar sem me consultarem previamente. Só uma coisa me prende a esta planeta sub-lunar: a piedade. E é este o terceiro argumento da minha revolta. Foi quando eu comecei a vêr as multidões que morrem de fome, a vêr as crianças que transmem

me restou foi a piedade. E por isso só a piedade me prende a este mundo. Mas ha as boas donas de casa que, ao ouvir falar em irreverencia, representam logo mentalmente o typo do irreverente: um sujeito hirsuto, mau-histerioso, anarchista, terrorista, jogador de bombas, destruidor de imagens das igrejas. Ao lado da dona de casa, ha o seu marido — que ás vezes é cathedratico de alguma escola. O marido tem confiança na policia e não acredita nesta história do irrevolucionario. Para elle, o irreverente é um pobre mencho ineperiente, principiante, que com o tempo e com os ensinamentos da vida irá voltando ao equilibrio, ao normal, ao cútuplo. O irreverente — diz, elle — é como o menino que, ao começar a fazer a barba, deixa de tomar a bengala a boa pais... Que me perdem a boa dona de casa — tão assustadinha, contada! — e seu illustre marido — tão idiota! —, mas ambos estão errados. Se me permittem, vou provar-lhes, com todo o respeito que lhes é devido, que elles estão enganados e mostrar-lhes o que é irreverencia. Vou mostrar-lhes que todos os grandes homens, que todos os grandes conformistas, que parecem tão calmos, tão de accordo, tão complacentes e que elles tanto admiram — foram irreverentes: tiveram seus momentos de irreverencia, como quem limpa, previamente, o seu terreno das cimas daminhãs. Quando atacaram o surrealismo de Breton e o tacharam de novidade passageira, elle apontou, no seu Manifesto, exemplos surrealistas em todos os grandes escriptores de todos os tempos. Só os imbecis, os satisfeitos, os agradecidos, os felizes não são irreverentes. Irreverencia não é simples falta de respeito como pensa o illustre cathedratico. Ella nada tem a vêr com a idade, a gente dos que pedem certidões comprobatorias. E é esta — ás vezes, a gente tem de ser professor! — a primeira caracteristica da irreverencia: não tem idade. Irreverencia

sa fazer, e que por isso passa por este mundo protestando sempre. E é este o segundo caracteristico da irreverencia: a perda da fé no aperfeiçoamento da creatura humana em todos os tempos, passados e futuros. Como na questão do moço e da capacidade de viver, aqui também o que importa é a valorização total da vida. Quando se diz: "a vida não vale nada", "a vida é uma porcaria", diz-se sabendo que existe bellas mulheres, bonsinhos, camãs mactas, que poderão proporcionar grandes prazeres. Diz-se sabendo que a natureza mostra lindas paisagens, dá bonitas flores, que a agua fresca e limpa mata a sede, que o luar e as estrelas embellezam a noite. Diz-se sabendo que os homens procuram se divertir e esquecer o seu triste destino sobre a terra com cinema, theatro, sportes, artes. Diz-se sabendo que os homens fazem poesia, pintam quadros, escrevem romances, creem philosophias, inventam theorias scientificas. Diz-se sabendo que os homens constroem submarinos e penetram as aguas, fabricam zeppelin e ligam continentes pelos ares, dispõem de raios, de televisao e ouvem-se, vêem-se uns aos outros a grandes distancias, edificam arranha-céus e moram a trezentos metros do solo. Isto é, sabe-se desde antes-não, o que pôde conhecer de melhor nesta vida. Sabe-se de quanto o homem é capaz de usar. E toda a irreverencia sincera e completa é assim: total, absoluta, geral. O que importa é a vida como um todo. Se ella não vale nada, com tudo que de melhor a compõe, o que dizer então dessas pequenas particulas, desses pobres micromogas, que se imaginam genios e dão para exaltação, cantala, divinização? O irreverente é como o santo, o mystico, o religioso: sente-se despendido deste mundo, contra elle, nada o prende cá por estas paragens. O irreverente é um santo atreu, é um religioso que se desconhece, que não tem fé. Do santo, elle só tem um lado: o da renegação deste mundo. Falta o ou-

tro: o da fé. Por isso, elle sente um evadido e um estranho nesta vida. O irreverente acredita em nenhum deller. Se elle não acredita em Deus, em nada futura, em recompensas, pôde se voltar contra este mundo e os seus habitantes: os homens. E, dentro os homens elle se volta contra os vaidos, os poderosos, os mactos, contra os contentes, os assanhados, os histeiros, os que vêm um lado da vida, o côrteiros, e que se esquecem de quem sofre a vida, o lado dos doentes, dos epilepticos, dos aleitados, dos famintos, dos orfãos, dos sutos. O irreverente só é contra aos que se esquecem de responder honestamente aquella pergunta de Schopenhauer: vocês dizem que a vida é bella? e os hospitiacos, cadeias, os lazaretos, os asilos? E quando se trata de va-

lortiar a vida, só a elevação da vida deve servir de argumento. De modo que em face da tristeza do mundo, desaparece o tudo que ella possa oferecer de bom e de bello. No grande espectáculo da vida, os seus motivos feios apparecem como nodos de lama em um

vésido de noiva. E como não ser irreverente num mundo tão triste e tão perverso, tão idiota e tão estúpido? A irreverencia é sempre universal e cosmica. Quando não é assim, quando não repousa em um julgamento de ordem *Conclue na quinta pagina*